



## ESTUDO DO VERBO “TOMAR” NA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DA TOPE

**Joseléia Graciano da Silva (UNEMAT)<sup>1</sup>**  
**Albano Dalla Pria (UNEMAT)<sup>2</sup>**

**Resumo:** Neste texto propomos a análise do verbo ‘tomar’ sob uma perspectiva enunciativa, por isso, embasamo-nos teórico e metodologicamente na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). O estudo linguístico aqui empreendido se envereda pelos caminhos da tomada da linguagem enquanto atividade simbólica e que considera o cognitivo e a afetividade construtores de valores pelas articulações entre as unidades linguísticas presentes nas superfícies dos textos. O nosso arcabouço teórico se baseia nos conceitos de invariância; noção; Linguagem articulada às línguas naturais; operações cognitivas dos sujeitos e nas estabilidades temporárias dos sentidos. Tais conceitos foram trazidos para o âmago da Linguística por *Antoine Culoli* em suas obras que desdobram-se nos três tomos de *Pour une linguistique de l'énonciation* (1990, 1999a, 1999b). Com esse estudo refletimos sobre a polissemia e sobre a agentividade e transitividade trazidas pelo verbo ‘tomar’. Nesse molde, realizamos manipulações de enunciados com este verbo para compreendermos e trazermos à tona as operações de linguagem que permitem mostrar o funcionamento do verbo ‘tomar’ em situações enunciativas distintas e as possíveis estabilizações de sentidos para essa unidade linguística. Nossa metodologia consistiu na reformulação (glosagem e parafrasagem) de enunciados forjados por nós.

**Palavras-chave:** verbo ‘tomar’; construção de valor; estabilização de sentidos; transitividade; agentividade.

**Abstract:** In this text, we propose an analysis of the verb *tomar* [to take] from an enunciative perspective. To this end, our theoretical and methodological foundation lies in the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). The linguistic study undertaken here navigates through the conception of language as a symbolic activity, taking into account cognition and affectivity as co-constructors of meaning through the articulation of linguistic units present on the surface of texts. Our theoretical framework is grounded in the concepts of invariance, notion, language as articulated with natural languages, cognitive operations of subjects, and the temporary stabilization of meaning. These concepts were brought to the core of Linguistics by *Antoine Culoli* in his works compiled in the three volumes of *Pour une linguistique de l'énonciation* (1990, 1999a, 1999b). Through this study, we reflect on polysemy, agentivity, and transitivity as conveyed by the verb *tomar*. In this regard, we manipulate enunciative constructions with this verb to understand and highlight the language operations that reveal the functioning of *tomar* in distinct enunciative situations and the

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística e Doutoranda pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Membro do grupo Variação e invariantes na linguagem (CNPq) E-mail: [leia.23@hotmail.com](mailto:leia.23@hotmail.com) ou [leia23031992@gmail.com](mailto:leia23031992@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7450-9403>

<sup>2</sup> Pós-doutor pela Universidade Nova de Lisboa (Bolsista CAPES – Proc. nº 99999.006159/2014- 01). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, pela UNESP/Araraquara. Docente do Curso de Letras da UNEMAT/Cáceres e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. Coordenador do Grupo de Pesquisa Variação e invariantes na linguagem (CNPq). E-mail: [adallapria@gmail.com](mailto:adallapria@gmail.com).

possible stabilizations of meaning for this linguistic unit. Our methodology consisted of the reformulation (glossing and paraphrasing) of utterances created by ourselves.

**Keywords:** verb *tomar*; value construction; meaning stabilization; transitivity; agentivity.

## Introdução

Neste texto trouxemos para serem estudados enunciados com o verbo ‘tomar’ com o objetivo de formalizarmos processos através da manipulação da linguagem. Também temos como objetivo enfatizar a polissemia do verbo ‘tomar’ para mostrar as diferentes significações proliferadas dele ao ser relacionado com outros termos.

Para desenvolver este texto, embasamo-nos teórico e metodologicamente na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), cujo idealizador é Antoine Culoli, linguista francês que dedicou seus estudos à investigação da atividade de linguagem articulada as línguas naturais.

O desenvolvimento de um estudo linguístico na TOPE é pautado na articulação entre léxico e gramática em que os textos são arranjos que podem ser manipulados e organizados pelos sujeitos no processo enunciativo.

Isso posto, a proposição deste estudo conduz-nos pelos caminhos da tomada da linguagem enquanto atividade simbólica, onde o cognitivo e a afetividade são elementos construtores de significados através de marcadores presentes nas superfícies dos textos. Os significados são construções possibilitadas pela relação dos sujeitos com o empírico em dada situação enunciativa.

Os significados são constituídos pela articulação das línguas naturais com a linguagem e organizados pelos trabalhos de representação, referenciação e regulação. Esses trabalhos, de acordo com Culoli, são aptidões inatas a todos os sujeitos (Culoli 1990, 1999a, 1999b).

Assim sendo, os significados para o verbo ‘tomar’ são proliferados pelos/nos enunciados. Nessa perspectiva, o verbo ‘tomar’ não deixa suas marcas nos textos por enquadrar-se em uma categoria classificatória e estática, mas por conta das operações de linguagem possibilitadas pelas experimentações e hipóteses testadas pelos sujeitos durante a enunciação.

Para dar conta dessa análise, organizamos o texto em quatro itens, sendo no primeiro item a abordagem teórica e explicitação de conceitos da TOPE, tais quais: Língua articulada à linguagem, enunciação, sujeito, invariância, noção, domínio nocional, e operadores de QLT e QNT, glossa e paráfrase. No segundo item trouxemos suscintamente sobre as relações linguísticas. No terceiro item relacionamos brevemente o conceito de transitividade e

agentividade para TOPE e para os estudos linguísticos de vieses estáticos. No quarto item trouxemos nossas análises. Ela foi desenvolvida a partir de cinco enunciados elaborados por nós. E após, trouxemos as considerações e referências utilizadas na elaboração desse texto.

## 1. Um pouco de teoria

Para Culoli, “a Linguística tem por objeto a atividade da linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais e escritos)”<sup>3</sup> (CULIOLI, 1990, p. 14). Nesse sentido, a língua é um sistema manipulável e heterogêneo constituído por processos possíveis pela enunciação, logo, na TOPE as línguas naturais e a linguagem estão articuladas. Essa articulação entre as línguas naturais e linguagem é possibilitada pelos trabalhos de representação, referência e regulação dos sujeitos nas suas buscas por estabilizar significados a partir de suas experiências e vivências.

A enunciação é um constructo teórico. A enunciação é o resultado de um intenso trabalho de orientação e reorientação de trajetórias das unidades através dos agenciamentos possíveis pela linguagem nos textos. Noutros termos, a enunciação é um processo constituído pelos enunciados, de modo que as unidades linguísticas são responsáveis pela construção da mesma. O enunciado é ostentado como a consolidação da articulação entre línguas naturais e linguagem. Ele é um constructo estabelecido e organizado pelos agenciamentos de marcadores<sup>4</sup>.

O sujeito, assim como a enunciação, também é um constructo teórico. Ele é o parâmetro operatório para a construção da enunciação e o responsável por modular a linguagem por meio do processo metalinguístico, isto é, “ele está fundamentalmente inscrito tanto no objeto de estudo quanto no tipo de dados linguísticos que estão vinculados à teoria de Culoli”. (FUCHS, 1984, p.78)

Pensar a linguagem articulada as línguas naturais é considerar a invariância como mecanismo regulatório da própria linguagem porque ela “é entendida como uma maneira de se pensar a diversidade das línguas naturais, porém não se configura como um fenômeno universal, mas como o modo de apreender o que há de mais generalizável na linguagem.” (SILVA; CUMPRI, 2020, p.137)

<sup>3</sup> No original: “la Linguistique a pour object l’ activité de language appéhendée à travers la diversité des langues naturelles (et à travers la diversité des textes, oraux ou écrits). (CULIOLI, 1990, p. 14)

<sup>4</sup> Ente linguístico que remete à indicação das operações de linguagem que se atualizam no sistema linguístico por meio de diferentes ocorrências de formas engendradas, responsáveis por gerar a significação. (CULIOLI, 1990)

Assim sendo, a invariância não pode ser acessada diretamente. Ela é alcançada através das manipulações linguísticas realizadas pelos sujeitos. Essas manipulações linguísticas resultam em operações insurgidas pela articulação das unidades admitindo a formação de arranjos que permitem construir, acessar significados e estabilizar valores aos textos.

Na TOPE é defendido uma investigação linguística englobando os domínios representacionais, os domínios referenciais e os domínios metalingüísticos da linguagem, isto é, um estudo linguístico que inclua a variação subjetiva e experiencial dos sujeitos e suas apreciações considerativas a respeito dos significados proliferados para os textos pela manipulação da linguagem e pela maneira como a língua se organiza para estabilizar valores através de esquemas e operações possibilitadas pelas noções.

A noção é um conceito de representação mental e remete ao universo das propriedades e dos fenômenos mentais, físicos e culturais e abarca todos os domínios da língua abrangendo desde os estudos baseados nas experiências dos sujeitos aos estudos formais da linguagem.

As noções, segundo Culoli,

são sistemas de representações complexos de propriedades físico-culturais, isto é, de propriedades de objetos resultantes de manipulações necessariamente tomados no interior das culturas e, dessa maneira, falar de noção é falar de problemas que são de domínio de disciplinas que não podem se limitar só e unicamente à Linguística. (CULIOLI, 1990, p. 50)<sup>5</sup>

O domínio nocional é emergido pelos desdobramentos do trabalho da noção. Ele é definido como um domínio abstrato constituído por representações metalingüísticas organizado pelas ocorrências da noção.

Noutras palavras, o domínio nocional é manifestado pelas regulações realizadas pelos sujeitos através das representações mentais (as noções) e

evoca a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento, e por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzindo segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso, é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de centro do domínio, que será o alto grau da noção. (REZENDE, 2000, p.104)

Em resumo, noção e domínio nocional são conceitos basilares na TOPE, justamente por essa perspectiva abordar o estudo da linguagem não se restringindo apenas ao nível

<sup>5</sup>No original: sont dês systèmes de représentation complexes de propriétés physicoculturelles, c'est-a-dire dês propriétés d'objet issues de manipulations nécessairement prises à l' intérieur de cultures et, de ce point de vue parle de notion c'est problèmes qui sont Du ressort de disciplines qui ne pás peuvent pás être ramenées uniquement à la linguistique. (CULIOLI, 1990, p. 50)

linguístico, mas abrangendo também o nível de representação mental, o nível linguístico e o nível metalinguístico.

As operações de qualificação (QLT) e quantificação (QNT) são responsáveis por determinar e prever o tipo de funcionamento das noções conforme o caráter *denso*, *discreto* e *compacto*<sup>6</sup> apresentados por elas, isto é, através da QLT e QNT são estanciados valores com propriedades qualificáveis ou quantificáveis, identificáveis ou diferenciáveis, enumeráveis e não-enumeráveis. Esses valores são surgidos na enunciação.

O discreto, o compacto e o denso são responsáveis por trazer à tona propriedades para as unidades da língua através da relação entre elas com outras unidades nos textos. Dessa relação são estabilizados significados. De acordo com Vogüé (1989) as unidades linguísticas que possuem como características serem contáveis ou passa-nos uma intuição de algo existente ou conhecido, como: **o suco, o vinho**, por exemplo, serão chamados de discretos. O discreto apresenta como característica ser contável e enumerável, portanto é proveniente da operação de QNT.

Os termos que trazem a ideia de algo existente, porém pode ter sua intuição de existência frustrada, como: **o vinho que vou comprar**, por exemplo, serão chamados de densos. No denso temos a equiponderância entre QNT e QLT, logo pode apresentar tanto traços quantificáveis quanto qualificáveis.

E os termos que não possuem existência sem um suporte, como: **vergonha**, por exemplo, são chamados de compactos. No compacto temos apenas a proliferação de propriedades qualificáveis, ou seja, não é possível quantificar uma ocorrência desse tipo, portanto, todo e qualquer inserção apenas ressaltará o tipo de vergonha em questão: **vergonha na cara; vergonha alheia**. Assim sendo, o compacto é proveniente da operação de QLT.

A glosa é a maneira particular dos sujeitos em reformular textos para elaborar uma resposta em uma dada situação de interação. É uma tentativa de compreender e atribuir sentidos a um enunciado proferido em um momento anterior. A glosa se destaca por ser uma atividade não controlável pelo linguista.

<sup>6</sup> Para melhor compreensão dos funcionamentos de discreto, denso e compacto ver: VOGÜÉ (de), S. *Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale*. In: FRANCKEL, J. J. (ed.) *La notion de prédicat*. Paris: Université de Paris 7, 1989, p. 1-38 (Collection ERA – 642).

Nas palavras de Culíoli, as glosas são os “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente”. (CULIOLI, 1999a, p. 74)<sup>7</sup>

Já a paráfrase se define por ser uma classe de ocorrências modalizadas e articuladas, dadas as inúmeras interpretações, dadas as proliferações de sentidos construídos em um enunciado.

Noutros termos, as paráfrases são as simulações de enunciados. Elas são obtidas a partir de um enunciado de origem e traz à tona desdobramentos, processos e princípios determinantes para garantir a estabilização de significados.

As construções enunciativas equivalentes postas em relação pelo linguista são construções proliferadas do enunciado de partida e sua materialização denomina-se relação parafrástica.

#### Na relação parafrástica

“considera-se n enunciados, dos quais sabe-se intuitivamente que eles estão ligados por um certo número de operações, que são bastante simples, e procura-se verificar se se podem construir as operações que, a partir de uma fórmula, vão permitir que se derivem os enunciados.” (CULIOLI, 1976, p. 63)<sup>8</sup>

Almejamos tecer análises para trazer através de manipulações de dados as formalizações de processos resultativos de estabilidades de sentidos para o verbo ‘tomar’ assumindo como relevantes e necessários os cotextos<sup>9</sup> e contextos<sup>10</sup> de emprego dele.

As estabilizações dos sentidos das unidades nos textos dependem das modalizações e regulações dos sujeitos enunciadores e ganham contorno no e pelo diálogo. “A significação não existe *a priori*; está sempre sendo construída e reconstruída no momento único de cada enunciação”. (BIASOTTO, 2011, p.99)

## 2. As operações linguísticas

<sup>7</sup> No original: “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (Culíoli. 1999a. p.74)

<sup>8</sup> No original: “on pose n énoncés dont, intuitivement on sait qu’ils sont reliés par un certain nombre d’opérations qui sont assez simples et on cherche à voir si on peut construire les opérations qui, à partir d’une formule, vont permettre de dériver les énoncés. (CULIOLI. 1976. p. 63)

<sup>9</sup>“O cotexto diz respeito a uma palavra ou sequência de palavras que agem diretamente sobre o sentido da unidade linguística em questão. Há uma relação de dependência entre a unidade linguística e o ambiente de sua ocorrência no enunciado. [...] O contexto conduz à variação de sentido. O sentido [...] é estabilizado no enunciado. Uma estabilização que se desestabiliza a cada construção de sentido.” (LIMA, 2013, p. 46)

<sup>10</sup> O contexto “ultrapassa os limites do enunciado e tem relação com o quadro em que se insere o enunciado e determina sua interpretação. O enunciado conduz a uma identificação do contexto.” (LIMA, 2013, p. 47)

---

Temos na TOPE três níveis de operações linguísticas que ilustram o percurso dos sujeitos para transformar suas representações mentais em representações textuais, a saber: o nível nocional; o nível predicativo e o nível enunciativo e da articulação entre eles ocorrem as estabilizações temporárias dos sentidos.

No nível nocional os sujeitos constroem representações, isto é, a intenção de dizer; no nível predicativo os sujeitos representam a intenção de dizer; e no nível enunciativo os sujeitos realizam as regulações do dizer, constroem enunciados e os modalizam.

O nível nocional é representado pela léxis: ( $\langle \varepsilon_0, \varepsilon_1, \pi \rangle$ ), por exemplo, *<Joice – cachaça – tomar>*. Esse nível ao ser organizado resulta no nível predicativo: *<Joice – tomar – cachaça>* representado pela notação: ( $\langle \varepsilon_0, \pi, \varepsilon_1 \rangle$ ).

Quando aplica-se determinantes de localização, como marcas espaço-temporais, por exemplo, ao nível predicativo obtemos o nível enunciativo, isto é, a predicação ganha estatuto de enunciado, como, por exemplo: “*Joice toma cachaça*”; “*Joice toma muita cachaça*”; “*A cachaça tomada por Joice*”; “*A cachaça não tomada por Joice*” ou “*Joice não toma cachaça*”.

### **3. Transitividade e agentividade: breve abordagem**

O estudo da transitividade remonta estudos que vêm desde a tradição grega. O nome “transitivo” tem sua raiz no latim “*transitivus*” que quer dizer *aquilo que vai além, aquilo que se transmite*.

Em vieses de estudos estáticos, a transitividade é condição inerente ao verbo e disso compreende-se que a transitividade remete à “maneira como um verbo se relaciona com os sintagmas nominais numa mesma oração” (TRASK, 2008, p. 298). Nesse sentido, para esses vieses, para ser considerado transitivo, o verbo precisa ter como característica principal a capacidade de realizar a alteração de vozes, isto é, “para haver transformação de voz é preciso que o verbo seja transitivo.” (CUNHA & CINTRA, 2008, p.399). Partindo disso, temos então que sujeito agente é *aquele que age, causa ou faz algo*; sujeito paciente é *aquele que recebe a ação expressa pelo verbo*.

Prontamente, indagamos: a agentividade é uma propriedade intrínseca ao verbo? Ser paciente é propriedade intrínseca ao verbo? Ser transitivo é propriedade inerente ao verbo ‘tomar’? As respostas a esses questionamentos são negativas, logo, a atribuição de transitividade dada ao verbo ‘tomar’ e a atribuição de agentividade para os sujeitos dos enunciados onde encontra-se o este verbo não se sustentam.

Partimos da ideia de transitividade enquanto construção, isto é, a “transitividade como um circuito de forças que perpassa tal esquema gerando transformações e oferecendo resultado. Em consequência, falamos em propriedade transitiva da léxis, reversibilidade, passiva e negação.” (REZENDE, 2010, p.300). A agentividade e a não-agentividade e a transitividade do verbo ‘tomar’ são observadas quando relacionamo-lo com outras unidades da língua presentes no texto em que o mesmo encontra-se inserido e disso é possível “gerar enunciados na voz ativa e na afirmativa, na voz ativa e na negativa, na voz passiva e na negativa, entre outros.” (ZAVAGLIA, 2016, p.85)

A transitividade, na TOPE, é um pré-constructo concebido nas relações entre as unidades linguísticas. “O processo é a própria transitividade (encadeamentos causais) que, por meio de um jogo de forças entre sujeito e objeto e sujeito e sujeito, efetua a transformação e conduz a passagem de um estado para outro (estado resultante).” (REZENDE, 2000, p. 252). Para haver a compreensão dos papéis temáticos exercidos pelo verbo é necessário considerar que ele

não remete a uma causa, um ato, um acontecimento ou mesmo um julgamento, mas a uma configuração que é, antes, da alçada do dizer, estando inscrita, portanto, na linguagem. Particularmente, isto significa que o que buscamos é também de natureza absolutamente formal, e por três razões: por se elaborar por via das formas, por proceder de um cálculo e por consistir em operações que, quaisquer que sejam, presidem ao “fabricar” do dizer. (DE VOGÜE, 2011, p. 278-279)

#### **4. Construindo a análise para algumas ocorrências do verbo ‘tomar’**

Como já ressaltamos anteriormente, o método de análise adotado por nós tem como instrumento a própria atividade de linguagem: a metalinguagem. Ela auxilia na maneira como os enunciados são modalizados e postos em relação com suas paráfrases para estabilizar e atribuir qualificações para o verbo ‘tomar’.

Nosso estudo parte da hipótese de que os sentidos não são dados de antemão, eles são construídos na relação entre os saberes da ordem representacional com os saberes da ordem do cultural, isto é, são construídos na relação entre o nível cognitivo, o nível linguístico e o nível metalinguístico dos sujeitos.

Nessa perspectiva, os significados são construções possíveis pelas operações de identificação e diferenciação realizadas pelos sujeitos a partir de projeções de valores, a partir de atribuições de significados para o verbo ‘tomar’ numa dada situação enunciativa, pois

o que nos interessa é o sentido construído pelos enunciados, nossa análise parte das formas linguísticas e apenas delas para considerar que o sentido aí elaborado não é

um sentido dado de modo independente, mas, pelo contrário, é desconhecido e a ser descoberto, sendo necessário desvendá-lo. (DE VOGÜE, 2011, p. 278)

Nas operações de identificação e diferenciação uma ocorrência do verbo ‘tomar’, por exemplo, pode identificar-se como sendo verdadeiramente ‘tomar’ ou não, como em: “**João tomou cerveja**” que pode resultar em: “*Não, João não tomou cerveja, ele tomou café*” ou “*João tomou toda a cerveja da geladeira*” ou ainda “*João não toma cerveja, não diga besteiras!*”

Isso posto, vejamos a seguir os enunciados em análise:

➤ **1. Mário tomou uma jarra de suco.**

Representação projetada: “*alguém com suco*”

Pré-constructo: “*suco para alguém*”

No enunciado a representação projetada “*alguém com suco*” remete à atribuição de “*suco para alguém*”. Na retomada dessa projeção, X (o sujeito enunciador) relaciona-se com Y (o co-enunciador) e acontece a atribuição de “*suco para alguém*”, no caso “*suco para Mário*” através de um ato de dizer.

O termo “Mário” se constrói como o “*alguém tomado suco*” porque o sujeito enunciador e o co-enunciador ao se relacionarem localizam uma ocorrência do verbo ‘tomar’ no espaço e no tempo possibilitando a identificação do nominal “Mário” com a predicação projetada de “*alguém com suco*”.

O termo “uma jarra” é quem valida a relação de identificação de “Mário” com o predicado “*alguém com suco*. ” Disso constrói-se “Mário” como “*alguém com suco*. ”

Na atribuição de “*suco para Mário*” determina-se a existência de “*Mário com suco*”. Com isso, têm-se “Mário” em relação à “uma jarra de suco” gerando a atribuição de predicado de “*alguém com suco*” para “Mário” fazendo o verbo ‘tomar’ vir a se estabilizar com valor de “*ato de ingerir*” intuído pelos sujeitos enunciadores ainda na projeção de existência de “*alguém com suco*” dadas as suas experiências e vivências.

A partir da estabilização do verbo ‘tomar’ como sendo “*ato de ingerir*” podemos ter outras construções aproximadas trocando os complementos delas e ainda assim manter dadas regularidades de sentidos.

Vejamos:

Mário tomou

uma xícara de chá.  
uma xícara de café.  
uma garrafa de água.  
um copo de Coca – Cola.  
uma caneca de leite.  
uma lata de água tônica.  
uma vasilha de licor.  
um bule de café.  
um balde de ponche.  
uma garrafa de aguardente.  
um engradado de cerveja.  
uma cartela de comprimido.  
um prato de sopa de legumes.  
uma tigela de caldo de peixe.  
um copo de milk – shake  
uma taça de sorvete.

➤ 2. Você tem que tomar cuidado com rostinhos bonitos.

Representação projetada: “*alguém com cuidado*”

Pré-constructo: “atribuição de cuidado para alguém”

A representação projetada “*alguém com cuidado*” remete ao pré-constructo “atribuição de cuidado para alguém”. Na retomada dessa projeção, um sujeito X (sujeito enunciador) na sua relação com um sujeito Y (co-enunciador) insere a ocorrência do verbo ‘tomar’ no espaço e no tempo estabelecendo a localização do verbo ‘tomar’ em relação ao nominal “você”.

O verbo ‘tomar’ projeta a identificação do nominal “você” com a atribuição de predicado “*alguém com cuidado*”. O nominal “com rostinhos bonitos” é a marca de validação da identificação de “você” com “*alguém com cuidado*”. “Cuidado com rostinhos bonitos” é tomado porque o nominal “você” se determina como “*alguém com cuidado*” por um ato de dizer validando a existência de “cuidado para alguém” e estabilizando o verbo ‘tomar’ com valor de “*ato adquirir*” já intuído ainda na projeção de existência.

Da relação entre enunciador e co-enunciador ocorre a estabilização do verbo ‘tomar’ e disso podemos idealizar outras construções aproximadas trocando os complementos delas e ainda assim manter dadas regularidades de sentidos, como em:

Você tem que tomar cuidado

com assaltantes.  
com carros.  
com meninas.  
com meninos.  
com idosos.  
com políticos.  
com missionários.  
com religiosos.  
com vizinhos.  
com parentes.  
com professores.  
com a reprovação  
com madames.  
com baixinhos.  
com caminhoneiros.  
com ciclistas.  
com garotos feios.  
com cafajestes.

### ➤ 3. Era uma perversidade o governador tomar a terra daquele homem.

Representação projetada: “*alguém com terra*”

Pré-constructo: “atribuição de terra para alguém (que pode ser o outro)”

Um sujeito enunciador projeta o evento “*alguém com terra*”, localiza e atribui a predicação de existência de “terra para alguém”.

Temos posta uma relação entre X (sujeito enunciador) e Y (co-enunciador) na busca por estabilizar valores para o verbo ‘tomar’ através da projeção “*alguém com terra*”. Um sujeito enunciador projeta a existência de “*alguém com terra*” e atribui a tarefa de validar ou não validar a projeção através de um diálogo.

O verbo ‘tomar’ realiza a identificação de “daquele homem” com o sujeito de “*alguém com terra*”, porém o nominal “o governador” marca o bloqueio da validação da relação de identificação de “daquele homem” como “*alguém com terra*”. Isso posto, vemos não ocorrendo de fato o evento “*homem com terra*”.

Disso, abre-se outras possibilidades de representações como: “*o governador com terra*” dada a possível identificação do nominal “o governador” com o sujeito da predicação “*alguém com terra*”.

Percebe-se que, não há a existência de “*alguém com terra*” ou “*alguém sem terra*” até o momento da existência da representação construída, logo, é o ato de dizer o responsável por

validar a existência de “*alguém com terra*” e estabilizar o verbo ‘tomar’ com valor de “*ato de suprimir*” já intuído ainda na projeção de existência de “*alguém com terra*”.

Além do mais, a unidade “uma perversidade” estabelece a qualificação do verbo ‘tomar’ inserindo-o no centro do que seria o domínio de <tomar>, levando-o a superar toda e qualquer qualificação que poderia existir. O verbo ‘tomar’ ao atingir o alto grau não admite nenhuma outra qualificação, nesse sentido, toda e qualquer qualificação é bloqueada porque o termo “perversidade” determina o valor absoluto do verbo ‘tomar’.

Dessa estabilização de valor para o verbo ‘tomar’ gerada na relação entre enunciador e co-enunciador podemos idealizar outras construções aproximadas trocando os complementos delas e ainda assim manter dadas regularidades de sentidos.

Vejamos:

Era uma perversidade {

- o governador tomar o presente da criança.
- o governador tomar a moto da moça.
- o governador tomar o pastel do garoto.
- o governador tomar o colchão do mendigo.
- o governador tomar as ferramentas do marceneiro.
- o governador tomar os óculos da senhora.
- o governador tomar a carteira do motorista.
- o governador tomar a prova do estudante.
- o governador tomar a herança do filho.
- o governo tomar o osso do cachorro.
- o governador tomar a casa da velha.
- o governador tomar a vassoura da bruxa.
- o governador o salário do empregado.
- o governador tomar a chupeta do bebê.

#### ➤ 4. Pedro tomou medo (de insetos).

Representação projetada: “*alguém com medo*”

Pré-constructo: “atribuição de medo para alguém”

A representação projetada “*alguém com medo*” remete à representação construída “medo para alguém”. Na retomada da projeção “*alguém com medo*” um sujeito X (enunciador) relaciona-se com um sujeito Y (co-enunciador) e insere a ocorrência do verbo ‘tomar’ no espaço e no tempo estabelecendo localização de ‘tomar’ em relação com o nominal “Pedro”.

O verbo ‘tomar’ projeta a identificação de “Pedro” com o predicado “*alguém com medo*”. O nominal “de insetos” é a marca de validação da identificação de “Pedro” com “*alguém com medo*”.

“Medo de insetos” é tomado porque “Pedro” se determina como “*alguém com medo*” por um ato de dizer validando a existência de “medo para alguém (Pedro)” e estabiliza o verbo ‘tomar’ com valor de “*ato de adquirir*”.

Na relação entre o sujeito enunciador e co-enunciador a estabilização do verbo ‘tomar’ ocorre e disso podemos idealizar outras construções aproximadas trocando os complementos delas e ainda assim manter dadas regularidades de sentidos, como em:

Vejamos:

Pedro tomou {   
jeito (de pai).  
vergonha (na cara).  
tipo (de gente).  
ódio (de políticos).  
satisfação (com Maria).  
partido (na situação).  
amor (por cachorros).  
carinho (por ursinhos).  
distância (de gente falsa).  
raiva (da sogra).  
apreço (pelo irmão).  
gosto (por futebol).

#### ➤ 5. Paulo tomou uma surra do pai.

Representação projetada: “*alguém com surra*”

Pré-constructo: “atribuição de surra para alguém (que pode ser o outro)”

A representação projetada “*alguém com surra*” remete à representação construída de “atribuição de surra para alguém” e é estabelecida na relação entre X (sujeito enunciador) e Y(co-enunciador) na busca por estabilizar valor ao verbo ‘tomar’ na relação com outras unidades.

Na retomada, o pré-constrouto “surra para alguém” é localizado pelo verbo ‘tomar’ em relação ao nominal “Paulo”. O verbo ‘tomar’ projeta a identificação de “Paulo” com o sujeito do predicado “*alguém com surra*”. Contudo, o nominal “do pai” é marca de bloqueio à validação da relação identificadora de “Paulo” com “*alguém com surra*”.

O termo “do pai” impede a efetivação de um evento do qual se possa ter “*Paulo com surra*”. Disso, abre-se a possibilidade de outros acontecimentos, dentre eles, a identificação “do pai” com a predicação “*alguém com surra*”. Dessa possibilidade constrói-se “*o pai com surra*”.

Não é que Paulo apanhava do pai. Não é por meio de alguma coisa feita por Paulo que “o pai” se determina como “*alguém que dá surra*”. É através de um ato de dizer atribuindo “sorra para alguém (que pode ser outro)”, através do ato de dizer “o pai” se determina como “*alguém que toma surra*”.

Através da projeção de “*alguém com surra*” o verbo ‘tomar’ se estabiliza com valor de “*ato de receber*” e disso podemos idealizar outras construções aproximadas trocando os complementos delas e ainda assim continuar tendo dadas regularidades de sentidos, como em:

Vejamos:

Paulo tomou

- um soco do pai.
- um chute do pai.
- um tapado pai.
- uma chinelada do pai.
- uma bofetada do pai.
- um beliscão do pai.
- uma paulada do pai.
- uma chicotada do pai.
- uma pedrada do pai.
- um choque do pai.
- uma rasteira do pai.
- um empurrão do pai
- uma cintada do pai.
- uma cotovelada do pai.
- um pontapé do pai.
- uma mordida do pai.
- uma pesada do pai.
- um coice do pai.
- uma garrafada do pai.
- uma joelhada do pai.
- um tiro do pai.
- uma cabeçada do pai.

#### **4.1 Primeiras conclusões**

Nossas análises partiram da hipótese de que o verbo ‘tomar’ é relator ( $\pi$ ) e responsável por colocar em relação dois argumentos: o sujeito do enunciado ( $\xi 0$ ) e o seu predicado ( $\xi 1$ ). Disso decorre uma relação de localização espaço-temporal em que o sujeito do enunciado é o

primeiro argumento posto numa relação com o complemento (o segundo argumento) através do verbo ‘tomar’ (o relator).

Nessa relação determina-se e constrói-se a agentividade e valores para as unidades dispostas nos enunciados por um ato de dizer de um sujeito ao atribuir predicação de existência para dado acontecimento.

A transitividade para o verbo ‘tomar’ e a agentividade para os sujeitos da predicação são construídas porque durante a busca pela regularidade cada noção mostra-se diferente e cada unidade lexical apresenta-se como única. E, a partir disso as instanciações qualitativas e quantitativas entram em cena e trazem à superfície dos textos as regularidades possibilitadas pela articulação das unidades linguísticas.

Isso posto, vamos à algumas considerações a respeito dos significados obtidos nas análises do verbo ‘tomar’.

Comecemos a explicitação dos resultados pelas seguintes considerações:

**a → o sujeito do enunciado** é o termo de origem;

→ **Tomar (R)orientador** no processo de predicação;

**b → o complemento verbal** é o objetivo.

Dito isso, obtivemos:

No enunciado 1 “*Mário tomou uma jarra de suco*” temos a modalidade de asserção dada a validação positiva do conteúdo do enunciado pelo sujeito enunciador que assume o conteúdo do texto como sendo verdadeiro. Isso posto, temos o enunciado 1 operando através do seguinte esquema predicativo:

(a R b) = <Mário – tomar – uma jarra de suco>

Nesse caso, a modalidade de asserção é positiva por haver a validação da projeção “*alguém com suco*” por um ato de dizer de um sujeito enunciador. Não importa se “Mário” tomou ou não uma jarra de suco. Importa apenas a validação da asserção transformando “Mário” em “*alguém que toma uma jarra de suco*”.

A validação da projeção ocorreu antes mesmo do enunciado tomar corpo porque ocorre na relação predicativa a validação da projeção.

Da validação “*Mário com suco*” obtivemos como resultado: “Mário” *sujeito agente* no enunciado e o determinante para o predicado “garrafa de vinho para alguém”. O predicado atribuído para “Mário” é o processo definidor de “Mário” como *sujeito agente*. Também o



nominal “uma” do complemento predicativo “uma jarra de suco” colabora com a instanciação da ocorrência do verbo ‘tomar’ como “ato de ingerir” já intuído ainda na projeção de existência de “alguém com vinho” e traz à tona propriedades QNT contáveis com atributos característicos do funcionamento de *discreto*.

Assim, quando o verbo ‘tomar’ é posto em relação com *sujeito agente* e tem-se a ideia de processo (*transitividade*), ou seja, quando tem-se a ideia de movimento, o verbo ‘tomar’ instancia propriedades *discretas*.

No enunciado 2 “Você tem que tomar cuidado com rostinhos bonitos” temos a modalidade de asserção dada a validação do conteúdo do enunciado pelo enunciador ao assumi-lo como sendo uma proposição verdadeira. Disso temos o enunciado 2 operando através do seguinte esquema predicativo:

$$(a \ R \ b) = <\text{Você} - \text{tomar} - \text{cuidado com rostinhos bonitos}>$$

Nesse caso, há operando a modalidade de asserção positiva por haver a validação da projeção “alguém com cuidado”. Não importa se “Você” tomou ou não cuidado com rostinhos bonitos. Importa apenas a validação da asserção transformando “Você” em “alguém com cuidado”.

A validação de “cuidado para alguém” por um ato de dizer põe “Você” na condição de *sujeito agente* em relação ao complemento “cuidado com rostinhos bonitos” e colabora com a estabilização do verbo ‘tomar’ com sentido de “ato de adquirir” intuído ainda na projeção de existência de “alguém com cuidado” e traz à tona propriedades *compactas* permeadas por *denso* podendo ora ser quantificada ora qualificada.

Dessa maneira, quando o verbo ‘tomar’ é combinado com *sujeito agente* e tem-se presumido a ideia de movimento enfraquecido para ele as instanciações ficam por conta de *denso*.

No enunciado 3 “Era uma perversidade o governador tomar a terra daquele homem” temos a modalidade de asserção operando através dos seguintes esquemas predicativos:

$$(a \ R \ b) = <\text{O governador} - \text{tomar} - \text{a terra daquele homem}> \text{ ou } (a \ R \ b) = <\text{Aquele} \text{ homem} - \text{tomar} - \text{a terra do governador}>$$

Nesse caso, a modalidade de asserção negativa opera porque a validação da projeção encontrou bloqueio durante o processo predutivo e não houve consenso a respeito da projeção “*alguém com terra*”. A não-validação ocorreu por haver dois argumentos se revezando e dificultando a identificação de “daquele homem com terra” ou “O governador com terra” por um ato de dizer de um sujeito enunciador estabilizando as ocorrências do verbo ‘tomar’ como “*ato de suprimir*” presumido ainda na projeção de existência de “*alguém com terra*”.

A não-validação da projeção ocorreu mesmo antes do enunciado tomar corpo. É na relação predativa a validação da projeção. A não-validação da projeção de existência de “*alguém com terra*” acontece devido ao bloqueio nela instaurado. A predicação “*alguém com terra*” oscila entre dois argumentos: “daquele homem” e “o governador” e na hora da validação pode ocorrer a reversibilidade de papéis.

Porém, apesar da não-validação predativa, o verbo ‘tomar’ se estabiliza e, ainda assim, temos no enunciado a *agentividade* para os sujeitos da predicação e a *transitividade* construída porque os complementos nominais “Daquele homem” e “o governador” permitem a *discretização* da instanciação de *compacto* em certa medida.

Assim, quando o verbo ‘tomar’ é combinado com *sujeito agente* e a ideia de movimento é oscilante tem-se a *discretização de compacto*.

No enunciado 4 “*Pedro tomou medo (de insetos)*” temos a modalidade de asserção operando através do seguinte esquema predutivo:

$$(a R b) = \langle \text{Pedro} - \text{tomar} - \text{medo (de insetos)} \rangle$$

Nesse caso temos a modalidade de asserção positiva por haver a validação da projeção “*alguém tomar medo*”. Não importa se “Pedro” tomou ou não medo de insetos. Importa apenas a validação da asserção transformando “Pedro” em “*alguém com medo*”.

A atribuição “*alguém com medo*” é validada por um ato de dizer colocando “Pedro” como *paciente* em relação ao evento “*alguém com medo*” e estabiliza o verbo ‘tomar’ com valor de “*ato de adquirir*” já presumido ainda na projeção de existência de “*alguém tomar medo*” e com propriedades *compactas* permeadas por *denso*. A ideia de *transitividade* é barrada pela preposição “de” do complemento verbal.

Assim, quando o verbo ‘tomar’ é combinado com *sujeito paciente* a ideia de movimento é bloqueada dadas as ponderações de *compacto*.

No enunciado 5 “Paulo tomou uma surra do pai” temos a modalidade de asserção operando através dos seguintes esquemas predicativos:

(a R b) = <Paulo – tomar – uma surra do pai> ou (a R b) = < O pai – tomar – uma surra de Paulo>

Nesse caso temos a modalidade de asserção negativa porque a validação da projeção encontrou bloqueios durante o processo predicativo e não houve consenso a respeito da projeção “*alguém com surra*”. A não validação ocorreu por haver dois argumentos se revezando e isso dificulta a identificação de “*Paulo com surra*” ou “*O pai com surra*” por um ato de dizer de um sujeito enunciador estabilizando a ocorrência do verbo ‘tomar’ com o valor de “*ato de receber*” intuído ainda na projeção de existência de “*alguém com surra*”.

A oscilação para a validação da projeção ocorreu mesmo antes de o enunciado tomar corpo, isto é, acontece devido ao bloqueio nela instaurado. Na relação predicativa a projeção devia ser validada.

A predicação “*alguém com surra*” oscila entre dois argumentos: “Paulo” e o “o pai” e na hora da validação pode ocorrer a reversibilidade de papéis, mas apesar disso, o verbo ‘tomar’ se estabiliza e, ainda assim, no enunciado temos a *agentividade* para os sujeitos da predicação e a *transitividade* construída porque os complementos nominais “Paulo” e o “pai” permitem a *discretização* da instanciação de *compacto* em certa medida.

Assim, como no enunciado 4, quando o verbo ‘tomar’ é combinado com *sujeito agente* e a ideia de movimento é oscilante tem-se a *discretização de compacto*.

Em síntese:

✓ O verbo ‘tomar’ com sentido de “*ato de ingerir*” intuído ainda na origem, antes do processo de modulação + *sujeito agente* + complemento *discreto* resulta em propriedades preponderantemente quantitativa sendo possível delimitar a quantidade tomada.

Por exemplo:

“Mário tomou uma cartela de pílulas”

“Mário tomou um engradado de cervejas”

“Mário tomou uma tigela de mingau”

Os termos “uma cartela”, “um engradado” e “uma tigela” delimitam a quantidade de “pílulas”, “cervejas” e “mingau” ingerida por Mário.

✓ O verbo ‘tomar’ com sentido de “*ato de adquirir*” presumido ainda na origem, antes do processo de modulação + *sujeito agente* + complemento *compacto* permeado por *denso* resulta em propriedades com realces ora quantitativos ora qualitativos.

Por exemplo:

“*Você tem que tomar (um pouco de) cuidado com garotas*”.

O nominal “*um*” delimita circularmente “*a quantidade de cuidado a ser tomado por alguém*”.

Já em:

“*Você tem que tomar (muito/bastante) cuidado com assaltantes*”

Nessa construção, há uma ocorrência de ‘tomar’ com propriedades qualitativas dada a ausência de um delimitador de quantidade. Há apenas a intensificação da qualidade do cuidado trazida pelo termo “*bastante*” não havendo a possibilidade de precisar a quantidade de cuidado a ser tomada, restando aos sujeitos na enunciação chegar ao consenso: “*é preciso tomar a quantidade de cuidado necessário de ser tomado*”.

✓ O verbo ‘tomar’ com sentido de “*ato de suprimir*” intuído ainda na origem, antes do processo de modulação + *sujeito agente* + complemento *compacto* traz consigo propriedades qualitativas.

Por exemplo:

“*Era uma perversidade o governador tomar a terra (prometida) daquele homem*”

“*Era uma perversidade o governador tomar a terra (produtiva) daquele homem*”

Nesses enunciados, os nominais “*prometida*” e “*produtiva*” estabilizam ‘tomar’ com propriedades qualitativas realçadas e não delimitam a quantidade de terra, mas atribui qualidades de “*terra prometida para alguém*”, de “*terra produtiva para alguém*”.

✓ O verbo ‘tomar’ com sentido de “*ato de adquirir*” intuído ainda na origem, antes do processo de modulação + *sujeito paciente* + complemento *compacto* resulta propriedades preponderantemente qualitativas.

Por exemplo:

“*Pedro tomou medo*”

“*Pedro tomou (um pouco de/muito) medo*”

Nesses exemplos, o verbo ‘tomar’ é estabilizado com propriedades preponderantemente qualitativas. Nesses enunciados não há um delimitador quantificando medo, restando aos sujeitos concordar com: “*Pedro tomou a quantidade de medo que tomou*”.

✓ O verbo ‘tomar’ com sentido de “*ato de receber*” intuído ainda na origem, antes do processo de modulação + sujeito agente + complemento *compacto* permeado por *denso* resulta em propriedades com realces ora quantitativos ora qualitativos.

Por exemplo:

“*Paulo tomou (uma) bofetada*”

Nesse enunciado, o termo “*um*” delimita a quantidade de bofetadas tomadas por Paulo, possibilitando o verbo ‘tomar’ adquirir propriedades quantitativas.

Já em:

“*Paulo tomou choque (forte/fraco)*”

Os nominais “*forte*” e “*fraco*” atribuem para o verbo ‘tomar’ propriedades qualitativas não sendo possível quantificar a quantidade de choque tomado por Paulo restando aos sujeitos da construção enunciativa condescender com o acontecimento: “*Paulo tomou a quantidade de choque que tomou*”.

Desse ponto de vista, os argumentos juntamente com as modalizações dos sujeitos da enunciação introduzem para o verbo ‘tomar’ as possibilidades de determinação de sentidos. É o pôr em relação o responsável por construir projeções de valores e validar essas projeções permitindo elas vir a ser e vir a se estabilizar dadas as situações enunciativas dos sujeitos.

As estabilizações de sentidos são motivadas e mediadas na enunciação, não por conta de um marcador em específico, mas dadas as representações semânticas, dadas as diferenciações e dadas as identificações insculturadoras de caminhos para as consolidações das estabilidades emergidas para o verbo ‘tomar’.

Os sentidos das palavras não estão prontos e acabados eles são construídos nas interações entre enunciations e

[...] uma unidade em si não se deixa caracterizar por um valor central que corresponderia a um objeto, uma situação, um fenômeno ou um estado de coisas do mundo ou uma experiência no mundo. O sentido das unidades não pode ser reduzido às propriedades de referentes aos quais elas supostamente remetem. (FRANCKEL, 2011, p. 52)

## Considerações Finais

Com esse texto buscamos trazer para apreciação os modos como as ocorrências do verbo ‘tomar’ estabilizam sentidos através das manipulações possibilitadas pela linguagem. Buscamos trazer para a análise os modos como uma mesma unidade lexical se comporta e se caracteriza ao ser inserida em diferentes contextos.

Também apresentamos como uma mesma unidade lexical se configura ao ser modalizada, isto é, como essa unidade prolifera significações ao ser combinada com outras unidades na enunciação.

O verbo ‘tomar’ esquematizado nesse texto mostrou que a estabilização de sentidos depende das manipulações linguísticas dos sujeitos através de um ato de dizer regulado na enunciação para consolidar sentidos em dada situação enunciativa.

Chegamos à seguinte constatação:

Todos os termos em língua possuem uma vestimenta típica que lhe é dada pelo seu contexto predileto de ocorrência. Todo valor ou significado de um enunciado é resultado de um cálculo entre uma direção de sentido apenas apontada na unidade lexical (memória enunciativa) e os novos valores que um ato enunciativo atual (asserção englobante) atribui-lhe por meio das funções proposicional e de designação (REZENDE, 2000, p.193)

As regulações e as manipulações dos sujeitos permitem que algumas propriedades semânticas sejam realçadas e trazidas para a superfícies dos textos como sentidos estabilizados. Percebemos a proliferação de sentidos para o verbo ‘tomar’ nas situações enunciativas talhadas através da perspectiva do sujeito enunciador e na interação entre enunciações.

Em síntese, as significações só podem ser alcançadas através das operações linguísticas constituídas pela invariância geradora e constitutiva dos sentidos para o verbo ‘tomar’ nos textos. O sentido

[...]das palavras e dos textos não é exterior à língua, mas decorre de uma ordem própria que não é o decalque nem de um pensamento, nem de um referente externo, constata-se que a explicitação desse sentido só é possível por meio da atividade de paráfrase e reformulação. Trata-se de uma atividade metalingüística, específica da linguagem humana que apreende o sentido apenas quando faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos. (FRANCKEL, et al, 2011, p. 103)

Em resumo, os significados dos/nos enunciados são proliferados por causa das regulações dos sujeitos que os transformam e isso independe das categorizações que são impostas às unidades que constituem esses textos. Com esse estudo chegamos ao fato de que

o verbo ‘tomar’ é responsável por gerar valores e localizar um conteúdo predicativo no tempo e no espaço em dada situação enunciativa.

## Referências

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

CULIOLI, A. Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culoli. **Recherche en linguistique**: théorie des opérations énonciatives. Paris: Département de Recherches Linguistiques, Université Paris VII, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FRANCKEL, J. J., PAILLARD, D. Referência, referenciamento e valores referenciais. In: DE VOGÜÉ, S. de. *et al.* **Linguagem e enunciação**: representação, referenciamento e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Auxiliadora Ferreira. **A construção de significação de ocorrências do adjetivo bom**: identidade e variação. In: LIMA, Auxiliadora Ferreira; FILHO, Francisco Alves; COSTA, Catarina de Sena S.M da. Teresina: EDUFPI, 2013.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

SILVA, Josélia Graciano da; CUMPRI, M.L. A atividade de Linguagem como método de análise de enunciados. **Revista E-Scrita**: Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v.11, p.136-145, 2020.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

VOGÜÉ (de), S. Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale. In: FRANCKEL, J. J. (ed.) **La notion de prédicat**. Paris: Université de Paris 7, 1989, p. 1-38 (Collection ERA – 642).



VOGÜÉ. Les principes organisateurs de la variété des constructions. Tradução de Márcia Romero e Helena Valentim. In: DE VOGÜÉ. Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais. ReVEL, 2011.

ZAVAGLIA, A. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas.** 2. ed. São Paulo: Humanistas, 2016.